

Intercâmbio: um ano para toda a vida

A experiência de fazer um curso superior fora do Brasil é garantida por um programa federal, que concede bolsas e já aceita inscrições



LINCOLN SPADA
DA REDAÇÃO

O vocabulário do professor, sua conversa ágil e o sotaque que privilegiava as consoantes atordoadou o raciocínio de Nathalia Sprovieri Cipoleta em sua estreia na nova classe. Mas o estranhamento inicial com o discurso do docente era por uma boa razão. A jovem de Guarujá, de 23 anos, estuda na Faculdade de Engenharia da Universidade de Porto (Portugal), desde 2012, graças ao Ciência sem Fronteiras (CsF).

Trata-se de um programa federal criado em 2011 que concede bolsas de intercâmbio para estudantes. Esse ano, o processo seletivo oferece mais de 13 mil vagas para a Europa, Ásia e América do Norte no decorrer do mês (leia mais no destaque).

Mas é bom se apressar. Nathalia que o diga. Ela soube do programa enquanto fazia um projeto de iniciação científica na Universidade Católica de Santos (Unisantos), em outubro de 2011. Por meio da instituição, inscreveu-se no edital do CsF em março de 2012.

Em maio do ano passado, rasculhava seu destino e no mês seguinte, já aprovada pelo CsF, "corria para conseguir o visto português, o envio de documentos e programava o embarque".

Em agosto, com tais autorizações em mãos, esperou três dias para embarcar, levando consigo cadernos e dez meses de expectativas rumo à Europa.

Lá, divide sua história em uma república com uma portuguesa e uma brasileira, já que há muitos conterrâneos morando no Porto. "Tem gente do Brasil inteiro. É a minha *malta galera*, para os lusitanos".

Com eles, Nathalia partilha tanto as noitadas no tradicional Bar do Piolho, quanto as aulas. "O sistema de ensino daqui é muito diferente. Existe apenas uma avaliação de cada disciplina, com nota de 0 a 20, no fim do semestre".

Cada instante no outro continente vale a pena para a jovem. "Tive contato com professores e pesquisadores renomados, projetos e tecnologias que não chegaram no Brasil. A Nathalia que voltará em agosto para o Brasil não é a mesma



Nathalia estuda Engenharia no Porto, em Portugal, e tem contatos com projetos e tecnologias inovadores



Na Austrália, André faz o curso de Engenharia de Petróleo e consegue aproveitar as ondas com os amigos

que chegou a Portugal".

CANADÁ

Escrevendo uma carreira igual a de seus pais, Luisa Leme Simoni, de 24 anos, saiu da classe de Arquitetura e Urbanismo na Unisantos para ingressar na Washington University in St. Louis, no Canadá. A santista se encantou com as excursões. "São verdadeiras aulas de História que me proporcionam conhecer lugares da cidade

de que muitos, provavelmente, nunca conhecerão".

A fascinação persiste ao detalhar a nova faculdade. "Há um estúdio, com pranchetas e armários reservados para cada aluno, onde temos acesso 24 horas, além de marcenaria, laboratório de impressão, museu, galerias e outros espaços".

$$\vec{F} = \frac{d}{dt} (m\vec{v})$$

Ela vive praticamente na biblioteca com amigos. Juntos pesquisam obras da arquiteta italo-brasileira Lina Bo Bardi para publicarem um livro.

Os pais de Luisa acompanham seu desenvolvimento pela internet. "Mando muitas coisas dos trabalhos da faculdade, assim eles podem ver e opinar sobre a produção". Ela aproveita e estende o convite familiar. "Prendo incentivar outros a participar do Ciência sem Fronteiras e



Encantada pelo Canadá, Luisa divide tudo com os pais, pela internet

Inscrições

O programa Ciência sem Fronteiras mantém abertas as inscrições: até esta segunda-feira, para estudantes interessados em viajar para Alemanha (2 mil vagas), EUA (2 mil vagas), Hungria (2,3 mil vagas) e Japão (150 vagas); até 19 de julho, para Austrália (2.250 vagas), Canadá (2.188 vagas), Coreia do Sul (292 vagas), Finlândia (300 vagas) e Reino Unido (2 mil vagas). A bolsa custeia as passagens de ida e volta, auxílio hospedagem e plano de saúde por 12 meses. Podem participar os alunos de graduação que tiverem cumprido pelo menos 20% do curso, que tenham feito o Enem depois de 2009 e obtido mais de 600 pontos. Informações: www.cienciasemfronteiras.gov.br.

pensar modos de melhorar nossa escola, desde espaços físicos até a qualidade de aulas".

AUSTRÁLIA
Já André Leonardo Basso arru-



mou as malas pela segunda vez em direção à Austrália. A bagagem de já ter estudado, aos 16 anos, no país-continente lhe encorajou a outra meia-volta no planeta, agora aos 23 anos. Em vez dos bancos da Unisantos, hoje frequenta o curso de Engenharia de Petróleo na Universidade de Adelaide.

"Me marcou muito quando apresentei pela primeira vez um trabalho em inglês. E no mesmo dia, para duas turmas diferentes. Foi uma mistura de ansiedade e alegria de estar passando por essa oportunidade".

É a mesma sensação que experimenta sobre as ondas, surfando ao lado de três compatriotas demorados. "Os australianos são *open minded* (abertos), têm o costume de sair dos lares de 16 a 18 anos para dividir uma casa com amigos. A cada dia estou mais maduro".

Até 2015, 101 mil terão sorte grande

Com o programa Ciência sem Fronteiras, estima-se que até 2015 cerca de 101 mil estudantes conviverão em meio a pesquisadores estrangeiros e retornarão ao País aptos para desenvolver e partilhar as novas tecnologias, define Ângela Guimarães, adjunta da Secretaria Nacional da Juventude. Enfim, um intercâmbio cultural



de um ano válido por toda a vida profissional.

Até por isso, Jéssica Naomi não esconde a ansiedade. Aluna de Engenharia de Petróleo da Universidade Santa Cecília (Unisantos), ela foi selecionada pelo programa e estudará a partir do próximo mês em Galway, cidade da Irlanda. "Sempre gostei da cultura de lá, como a música e a dança. Mais nova, dançava sapateado irlandês".

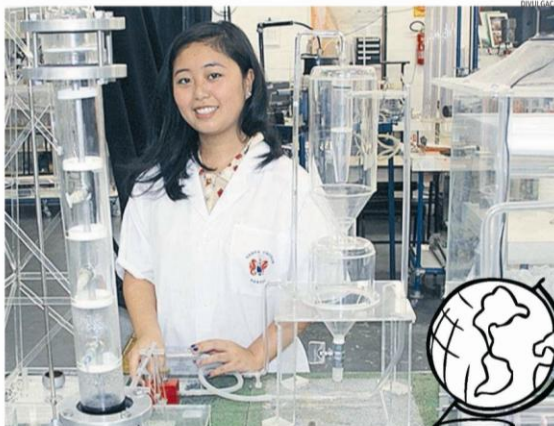
Como o Inglês é a língua oficial da Irlanda, ela se antecipou e já cruzou a América rumo a um curso intensivo de 15 dias em Vancouver, no Canadá. "Não dá para ficar sem Inglês no mercado de trabalho".

O êxito do programa governamental também se reflete nas demais iniciativas de intercâmbio. "A Austrália é reconhecida pela excelência em áreas como Engenharia, Tecnologia

da Informação e Ciências Biológicas", comenta Vinicius Barreto, da Australian Centre (australiancentre.com.br), agência representante no Brasil de cinco universidades públicas da Australian Technology Network of Universities (ATN).

"Geralmente, os jovens nos procuram para melhorar a fluência em outras línguas". Ao mesmo tempo, ele avalia que os institutos estrangeiros também desejam mais alunos brasileiros. "Todos querem saber sobre nosso desenvolvimento econômico, a inclusão social e os projetos de sustentabilidade".

A Australian Centre levará 200 universitários à Oceania neste mês. Barreto rasculha estimativas: nos próximos anos, o programa CsF aquecerá o mercado de intercâmbios entre 15% e 20%. (LS)



Aluna de Engenharia de Petróleo da Unisantos, Jéssica Naomi não vê a hora de embarcar para a Irlanda

